



Paula Miranda preside comissão disciplinar que tomará decisão sobre punição a Regina Borges

Colegas julgam Regina

234

FABIANO LANA E TINA VIEIRA

BRASÍLIA — A ex-diretora do Prodasen Regina Célia Borges quer agora retomar o ritmo normal de vida. Ontem ela saiu de casa com o marido, Ivar, para uma caminhada matinal. Os dois mantêm a decisão de não falar com jornalistas. “Recebemos a orientação de não falar com ninguém”, disse Ivar.

A acareação com os senadores José Roberto Arruda (sem partido-DF) e Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) foi a última participação de Regina no processo que pode resultar no pedido de cassação dos dois parlamentares. Mas ela ainda não está livre do caso.

De testemunhas no Conselho de Ética do Senado, ela, Ivar, Heitor Ledur, Ermínio Nóbrega e Domingos Lamoglia, todos funcionários, passam a réus no inquérito da Comissão de Processo Administrativo Disciplinar, aberta em 18 de abril. Regina e os outros acusados de envolvimento na fraude do painel eletrônico começam a de-

por para os três integrantes da comissão na próxima semana.

O destino deles passará pelas mãos de uma colega de 25 anos: a chefe da Secretaria Administrativa do Senado, engenheira Paula Cunha Miranda, 46 anos, preside a comissão que investiga os cinco. “O processo é sigiloso e nada poderá ser dito até a sua conclusão”, enfatiza Paula. A engenheira, entretanto, adianta: “Não haverá absolvição, eles confessaram.”

O processo na comissão disciplinar se inicia com os depoimentos. Depois, cada um dos servidores será indiciado e todos terão direito a defesa. “Ao final, o material será analisado pelos integrantes da comissão, que encaminharão ao 1º secretário (senador Carlos Wilson) a sugestão de punição, que pode ser aceita ou não”, conclui Paula. A comissão tem 120 dias para encerrar os trabalhos e a pena vai de simples advertência até demissão.

Ontem, crescia entre senadores do Conselho de Ética, a teoria de que Regina e ACM teriam feito um

acordo para evitar confronto maior na acareação de quinta-feira. Essa foi uma das principais queixas de Arruda durante a acareação.

“Está na cara que eles combinaram. Durante a acareação ela deu a ACM um tratamento bem mais brando do que a Arruda”, disse um integrante do conselho. Filiada ao PSDB, ex-partido de Arruda, desde 1994, Regina também poderá enfrentar um processo de expulsão. “Ela é uma bandida. O que ela fez é muito grave. Não podemos tratá-la como heroína”, critica um tucano do alto escalão. “Se alguém quiser tirá-la do partido, terá que encaminhar um pedido à Comissão de Ética do Diretório Regional”, diz Gustavo Ribeiro, presidente do PSDB de Brasília, inimigo de Arruda na política local. “Não dá para comparar o que ela fez ao que os senadores fizeram”, acredita.

Ribeiro, no entanto, afasta o boato de que Regina seria fortalecida dentro do partido para, no futuro, disputar cargos políticos. “Seria, no mínimo, uma precipitação”, afirma Ribeiro.